

FALAS GEOGRÁFICAS DO SABER E VIVÊNCIA RIBEIRINHA COMO PERSPECTIVA DECOLONIAL

Janaíne Barbosa Marques

jbm.geo20@uea.edu.br

José Camilo Ramos de Souza

jramos@uea.edu.br

Resumo: Este artigo traz os conhecimentos geográficos, que estão presentes no fazer diário das famílias ribeirinhas da comunidade do Lago do Máximo, tendo como protagonista o patriarca da família Marques, que fez relato de sua vivência e aprendizagem, em diálogos rotineiros familiares. A comunidade do Máximo está localizada na parte sul do município de Parintins. O objetivo principal que direcionou a pesquisa foi: compreender a geografia existente na fala do morador da comunidade do Máximo. Os fundamentos teóricos estão em: Nogueira, 2014; Pádua, 2013; Carlos 2007. Os procedimentos metodológicos adotados permitiram ouvir atentamente as falas do morador da comunidade do Máximo; o ouvir permitiu adentrar no mundo de percepção de todos os conhecimentos expressados e que foram ensinados de pai para filho, com o intuito de conceber a geografia existente nos relatos. Através da escuta e anotações no caderno científico, pode-se destacar a geografia presente no modo de vida ribeirinho, no fazer diário e no cuidado com a natureza, onde o sentimento de pertencimento o acompanha na moradia na cidade de Parintins.

Palavras chaves: Geografia. Ribeirinho. Máximo. Ensino.

Abstract: This article presents geographic knowledge, which is present in the daily activities of riverside families in the Lago do Máximo community, with the father of the aforementioned student as the protagonist, who reported on his experience and learning, in routine family dialogues. The community of Máximo is located in the southern part of the municipality of Parintins. The main objective that guided the research was: to understand the geography existing in the speech of the resident of the Máximo community. The theoretical foundations are in: Nogueira, 2014; Padua, 2013; Carlos 2007. The methodological procedures adopted allowed us to listen carefully to the speeches of the resident of the Máximo community; listening allowed us to enter the world of perception of all the knowledge expressed and taught from father to son, with the aim of conceiving the geography existing in the reports. Through listening and notes in the scientific notebook, one can highlight the geography present in the riverside way of life, in daily activities and in caring for nature, where the feeling of belonging accompanies you when living in the city of Parintins.

Keywords: Geography. Riverside. Maximum. Teaching.

1. Introdução

O presente estudo tem como intuito apresentar as realidades que já foram vivenciadas por um antigo morador da Comunidade do Lago do Máximo, próximo a cidade de Parintins.

A comunidade do máximo está localizada na parte sul do Município de Parintins, banhada por um rio e o Paraná do Ramos. Está sobre uma formação de terra firme e possui uma dinâmica de comunicação, via terrestre, com outras comunidades que ficam próximas ao rio Amazonas. Nessa comunidade tem vivências e histórias de construção social que marcam a identidade de quem fala de suas perspectivas de vida e como se construiu fazendo e entendendo o seu lugar de vida.

Com as falas do morador, pode-se conhecer as relações que os povos ribeirinhos possuem diretamente com as águas e através dela constroem e reconstroem seu modo de vida no contexto amazônico entre rios, igarapés, lagos e paranás, usufruindo de conhecimentos diversificados para conseguirem se adaptar ao período de enchente e vazante.

Essa pessoa nativa da comunidade do Máximo, como o morador pesquisado, possui conhecimentos de extrema importância, que são voltados para o cultivo da terra e ao uso dos rios, utilizando técnicas apropriadas para manterem os cuidados com a natureza, pois ela é a principal fonte de subsistência para cada residente da comunidade. É importante destacar que as pessoas de comunidades ribeirinhas defendem o seu lugar de vida, cuidando de cada lago, pois é onde tiravam e tiram seu alimento, o peixe.

Ribeirinho, não porque moram em comunidade que estão na margem de um rio, mas porque mantém uma relação direta com a água e dessa relação compreendem a floresta, o solo, porque extraem o bem viver e existência.

Torna-se importante compreender o conhecimento geográfico existente nas falas e ao ouvir os relatos de experiências das pessoas que nasceram e cresceram nas margens dos rios da Amazônia, é ir ao encontro de conhecimentos aprendidos com seus pais, no fazer diário, para se manter existindo no lugar.

As falas carregam muitos saberes e eles são diversificados, mas que precisam ser conhecidos, percebidos e vividos, para serem experiências, pelo fato de serem desconhecidos. O desconhecimento dessas vivências de aprendizagem deixa fluir a visão preconceituosa sobre o modo de vida diferenciados das pessoas que

lutam e enfrentam as dificuldades do lugar, como os moradores da comunidade do Máximo.

Esse percurso de compreensão analítica tem como objetivo principal compreender a geografia existente na fala do morador da comunidade do Máximo. Como específicos procurou identificar os conhecimentos geográficos apreendidos na vivência e no fazer diário no tempo pretérito e presente; verificar qual o conhecimento geográfico tem maior expressão no falar; analisar a geografia encontrada e registrada em cada fala.

Os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos correspondem à pesquisa qualitativa, alicerçada na fenomenologia. Utilizou-se como instrumento e técnica a escuta e anotações no caderno de campo/científico; o morador da comunidade do máximo compõem o grupo familiar do qual faço parte; toda tarde, sentados no quintal da nossa casa, embaixo de árvore, onde estava atada a rede, na qual, deitado, embalando, fala de sua vida e vivência; ouvia suas histórias de vida, as quais retratam toda a geografia vivida e aprendida no fazer diária da pesca ou do roçado. Ouvir, tem por finalidade adentrar no universo de quem tem na memória o mapa da hidrografia e o conhecimento sobre a floresta.

Este artigo está organizado em partes, sendo: na primeira parte se discute as bases teóricas conceituais da geografia. A segunda parte trata de descrição do lugar de vivência do morador e a terceira parte trata dos resultados encontrados na fala e no que diz respeito a geografia relatada.

FALANDO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS

Para compreender a geografia existente que se encontra dentro das vivências de um morador das áreas ribeirinhas, tornou-se necessário conhecer a realidade do indivíduo através dos seus relatos, que muitas vezes são carregados de lembranças dos momentos em lugares que transformaram sua verdadeira identidade. Segundo Nogueira (2014, p.58), “O lugar é dado a partir da experiência de cada um [...] experiências está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar”.

O lugar marca a maneira e a forma de viver, onde estão definidas as estruturas sociais e as representações dos matizes de vida, como está refletido em Nogueira (2014, p.58), quando diz que o lugar é para além de uma porção de um espaço físico,

porque é sempre resultado do que o ser humano desenvolve e vai criando suas relações de vida e existência.

Nas falas do morador da comunidade, pode-se encontrar certas emoções ao relatar sua infância e juventude, pois segundo o mesmo, a melhor parte de sua vida foi na comunidade do Lago do Máximo e atualmente, encontra-se distante do seu lugar escolhido para viver. Nogueira (2014, p.57) afirma que “O retorno ao seu lugar de vida, para muitos, significa o retorno à vida.”

O distanciamento do lugar de vida do ser humano, desperta saudades e certas emoções ao lembrar de sua trajetória dentro do antigo espaço vivido, principalmente quando relata os momentos existentes em suas melhores lembranças, em destaque os sentimentos de saudade que contribuem para desenhar mentalmente o mapa de toda sua vivência. Esses relatos muitas vezes são carregados de conhecimentos diferenciados, com determinadas culturas e costumes.

O morador, demonstra em suas falas que possui fortes ligações com o lugar no qual escolheu para desenvolver suas experiências, mas ao deixar a comunidade, ficou para trás muitas lembranças de momentos que só poderiam ser realizados dentro da comunidade e quando chegou na cidade, houve a necessidade de se reinventar e se adaptar a uma nova realidade. Teve que aprender a viver na cidade, mas cultivando as lembranças de suas andanças pelo meio da floresta e da circulação de canoa pelos lagos e rios.

O sentimento de pertencimento está dentro de quem saiu do seu lugar para viver noutro lugar de uma nova vida, na cidade de Parintins, porque segundo Duarte et al. (2021, p.06)

Ao crescer num lugar, o desenvolvimento do indivíduo ocorre de forma gradual, diferente de quando se vem de outro lugar onde são acrescidos aspectos de socialização com o ambiente individual e grupal ao processo de aculturação.

Com isso, houve uma dificuldade de reencontrar sua verdadeira identidade dentro da cidade, pelo fato das comunidades ribeirinhas possuírem costumes e características únicas, na qual, o indivíduo passa a ter contato direto com a natureza e na cidade vivencia os aspectos construídos e diferenciados do natural. Freitas et al (2019, p.128) discorre que “O indivíduo faz parte de um determinado ambiente, e esse ambiente é constituído de determinada cultura, que por sua vez, influencia na formação de sua identidade[...]”.

Por isso, cada indivíduo guarda consigo lembranças significativas de lugares que fazem ou fizeram sentido em suas vidas, muitas vezes no trabalho, nas festas, no ambiente familiar, em rodas de conversas com amigos ou até mesmo em outros lugares que despertam harmonia e sentido para a vivência do ser humano, que sente vontade e necessidade de dialogar sobre o seu fazer diário das caçadas, pescarias ou trabalho no roçado.

O lugar de vida constrói o ser humano mais humano, porque entende e se entende como construtor de sua própria história, porque compreende o sistema natural amazônico, tanto em relação a floresta e animais como os rios lagos nas suas contribuições de regenerar a que foi destruído pelo ser humano. Nesse sentido Carlos (2007, p.22) afirma:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

O ser humano que reside nas margens dos rios possui suas próprias culturas que muitas vezes são ligadas aos conhecimentos locais que o indivíduo herda de seus familiares e amigos. Nessas relações culturais firmam sua identidade de pertencimento, porque nas rodas de conversas comunitárias constroem saberes. Silva et al (2007, p.13) diz que “O conhecimento local é a informação que as pessoas [...] desenvolveram ao longo do tempo, baseado na experiência, adaptado a cultura e ambiente local, estando em constante desenvolvimento”.

As marcas de vidas guardadas nas mentes precisam ser resgatadas para servirem de referências de ensinamentos pretéritos e contribuem no presente e assim estarem mostrando as mudanças ocorridas no tempo histórico. Essas mudanças não estão só no natural, mas na própria pessoa que deixa seu lugar de vida e tem que construir novas relações de vivência no lugar que adotou para viver.

VIVÊNCIAS GEOGRÁFICAS E APRENDIZAGEM COMUNITÁRIA

As pessoas que vivem ou viveram na comunidade do Lago do Máximo, possuem fortes conexões com a natureza, pois através dela pode-se então, construir as relações sociais, emocionais e afetivas de cada comunitário no seu lugar escolhido para viver; essas conexões estão na unidade familiar e comunitária quando

protagonizam suas histórias e vivências no contar de suas aventuras pelas estradas aquáticas ou florestas em busca de alimentos. Nessa perspectiva, observa-se que a identidade de cada indivíduo, são construídas através das características apresentadas no lugar de vida do morador da comunidade, porque traduzem dentro de si a construção da comunidade como o lugar, como espaço vivido e de vida (Nogueira, 2014).

A realidade vivenciada pelos ribeirinhos, passa a influenciar constantemente no seu modo de agir e pensar, tendo em vista, que a natureza por um todo, tem a capacidade de suprir a maioria das necessidades das pessoas que moram nas margens dos rios. E é com base nas experiências diretas que o ser humano mantém com a natureza, que surge as relações e sentidos que ambos conseguem se transmitir, principalmente a dependência que um tem pelo outro para sobreviver. (Pádua, 2013).

O ribeirinho desde criança aprende com seus pais como usufruir dos recursos que a natureza permite a ser utilizados, desde a palha que cobre a casa, o cipó que faz cestaria, até o peixe ou a caça que alimenta. Segundo o antigo morador do Lago do Máximo, pai da pesquisadora, as principais atividades aprendidas pelas crianças da comunidade é a pescaria, roçado e uso de ervas medicinais, desse modo, as crianças crescem sabendo como se proteger, produzir e pescar seus próprios alimentos, sem precisar esperar por outras pessoas.

Mendonça et al. (2007, p.96) discorre que:

O conhecimento das populações tradicionais é transmitido de geração em geração. É um saber passado pelas relações de parentesco e vivência. As crianças aprendem com os adultos, quando os acompanham nas atividades diárias. Alguns conhecimentos são passados para os mais jovens, por considerarem que há maior necessidade, como, quais os recursos extraídos da natureza que podem ser utilizadas contra picada de animais peçonhentos, etc.

Na comunidade, em décadas passadas (séc. 20 – 1960 a 1980) as famílias não possuíam geladeira, fogão e nem gelo, assim era preciso que os alimentos fossem pescados na hora ou salgados para serem consumidos nos outros dias, mas muitos acordavam cedo e pescavam seus próprios peixes. Na época, os rios eram fartos de peixes, fazendo com que todos os comunitários tivessem uma grande facilidade no acesso aos alimentos, assim as famílias sustentavam da melhor maneira os seus filhos.

O ribeirinho entende o tempo de povoamento dos lagos e rios, porque há a sazonalidade do rio (enchente e vazante), segundo, Oliveira et. al (2022, p. 72):

Cada peixe tem seu tempo, quando as águas e a migração de cada espécie dão condições para os pescadores: 'o tempo do tambaqui', 'o tempo do peixe liso', e nos últimos anos, 'o tempo do manejo'. Os ambientes seguem o movimento das águas, secam e alagam no decorrer do ano, proporcionando diferentes habitats para os peixes.

O morador afirma que no tempo da vazante, os peixes começam a fazer a piracema (processo de reprodução e migração), andam em cardume e os pescadores conseguem pegá-los com mais facilidade, principalmente com o uso das redes, no momento em que os peixes saem de um lugar para o outro. "O lance no rio consiste em soltar a rede, que é sustentada por boias, num sentido perpendicular à corrente baixando o rio, de modo que o cardume seja envolvido pelas malhas" (Oliveira, 2022, p. 74). No período da enchente, quando a água inicia a submersão das várzeas, os peixes vão desovar nos igapós e nos pastos, tornado mais dificultoso a pescaria. Os peixes procuram os lugares de difícil acesso para reproduzir seus filhos, dificultando à captura.

Além da pesca, que é uma atividade muito ativa na comunidade do Máximo, existe também a agricultura familiar, que possui fortes presenças entre os moradores ribeirinhos, principalmente em relação a plantação de mandioca, que é uma atividade tanto lucrativa e como para o próprio sustento.

O roçado de mandioca, atualmente possibilita que o ser humano que trabalha na terra firme consiga sustentar seus familiares através de suas plantações, pois a mandioca além permitir a produção da farinha, ela também produz o beiju d'água, o beiju cica, o beiju lencinho, tapioca, o tucupi, o pé de moleque (beiju peteca) e muitos outros derivados da mandioca. "As roças são os sistemas de uso da terra mais utilizados na Amazônia, sendo predominante o cultivo de espécies anuais utilizadas principalmente para subsistência das populações ribeirinhas". (Castro et al, p. 70)

As plantações de mandioca e a pescaria de alguns peixes, são realizados em períodos de cheia ou na vazante do rio Amazonas, que afeta diretamente lagos e afluentes. Os moradores ribeirinhos do lago do Máximo e de outros lugares do Amazonas e Amazônia, procuram sempre preservar e manter o equilíbrio de cada espécie, pelo fato, dos peixes aparecerem o ano todo, mas precisam da época certa para serem pescados, caso contrário toda cadeia alimentar pode ser afetada, levando ao desequilíbrio.

No quadro abaixo, pode-se observar as principais atividades desenvolvidas na comunidade do Lago do Máximo em cada período.

Quadro1: Principais atividades desenvolvidas na comunidade.

Atividade	Espécie	Período
Pesca	Tucunaré Bodó Tamuatá	Vazante
Pesca	Tambaqui Jaraqui Pirarucu	Cheia
Plantação de Mandioca	Mandioca	Seca (estiagem)/Vazante

Fonte: Dados coletados na pesquisa durante os diálogos, 2023.

De acordo com o quadro 1, onde são destacados os períodos de atividades realizadas pelos moradores da comunidade e ao mesmo tempo o período da captura de cada espécie, onde os moradores, conhecedores da dinâmica do sistema natural, devem respeitar os períodos de reprodução e povoamento dos lagos. Na estiagem e na vazante, são desenvolvidas variadas atividade tanto na pesca como também na agricultura; vale ressaltar que poderá ter o aparecimento frequente de novas espécies de peixes, que surgem com mais farturas em suas épocas próprias de reprodução.

APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA NO TRABALHO COMUNITÁRIO

Na década de 1960, as famílias da comunidade do Lago do Máximo, realizavam suas próprias plantações e produziam os alimentos para o consumo diário, pelo fato, de não encontrarem na cidade de Parintins, uma população consumidora desses produtos. Conseqüentemente, as famílias se sustentavam na maioria das vezes através das plantações de mandioca, cara roxo e branco, macaxeira, banana, caju e diversas árvores frutíferas que havia na localidade.

Como o morador relatou:

¹“Na época, a cidade parecia um interior e não tinha esse monte de gente como tem agora. Por isso, nossas plantações eram mais para o sustento dos nossos familiares. No meu tempo, era raro alguém ter dinheiro, mas não passávamos fome, tinha muito peixe e frutas, o caminho de casa cheirava de fruta podre, pois estragava, ninguém dava conta de comer tudo”. (Falas do morador)

Na comunidade do Máximo, entre a construção da vivência e das experiências, o morador que fez os relatos das histórias do lugar e do seu aprendizado, foi enfático em dizer que toda sua aprendizagem foi ensinada por sua mãe de criação, com ela aprendeu a fazer o roçado, a pescar, a fazer tarrafa e até a flechar, pois a mãe ensinou todos os filhos a construir conhecimentos na prática. Então, a importância dela no processo de construção fez com que os seus filhos se tornassem conhecedores de uma geografia e de uma realidade do lugar dentro da Amazônia.

Assim relata o antigo morador da comunidade do máximo:

“A nossa mãe era uma mulher muito trabalhadora, sabia fazer de tudo e não deixava faltar alimentos na nossa mesa. Ela nos ensinou a pescar, fazer tarrafa, plantar árvores frutíferas, fazer roçado, preparar a farinha e muitas outras coisas”. (Falas do morador)

Mediante as falas do morador, tornou-se possível compreender a relação de subsistência que o ser humano mantém e mantém com a natureza, visto que, é dela que esse indivíduo passa a retirar seus principais alimentos, tanto da água como da terra. Em função disso, a conservação e o cuidado com esses lugares tornam-se tão importante para aqueles que vivem e sobrevivem dos privilégios que a natureza permite a serem utilizados. A natureza Amazônica fornece condições de viver e por essas condições o ser humano deve cuidar para ter sempre.

Segundo Oliveira et al (2007), a agricultura familiar dos povos ribeirinhos, é mais voltada para o cultivo e a plantação da mandioca, pois ela gera a produção da

¹ Foi conservado a originalidade da fala do morador da comunidade do Lago do Máximo, para não perder a essência do que foi falado.

farinha que é um alimento de grande valia na mesa das famílias ribeirinhas. A maioria dos moradores das comunidades ribeirinhas de várzea ou de terra firme, não conseguem comer o peixe ou outros tipos de alimentos, sem a presença da farinha, que é um dos principais alimentos diários do amazônida e se torna tão essencial no seu cotidiano e no hábito alimentar.

Com essa realidade, os pais tendem a ensinar seus filhos, desde a infância, as técnicas utilizadas nas plantações da mandioca, ou seja, é necessário levar as crianças até o roçado com o intuito que ela consiga aprender na prática, gerando mais facilidade no aprendizado; a criança aprende fazendo. As crianças devem aprender, que seus familiares são os principais responsáveis do roçado, onde cada um tem suas funções, dividindo as atividades pelo sexo e idade do indivíduo (Alves, 2011).

De acordo com o morador que conta seu modo de vida e vivência:

“A mamãe levava eu e minhas irmãs para ajudar no roçado, a gente capinava, queimava e preparava o solo para realização do plantio da mandioca do mês de novembro, passamos os meses anteriores todos ajudando no roçado”. (Falas do morador)

Na época, as mulheres não ficavam somente responsáveis em ajudar no roçado, além do mais, elas fabricavam panelas de barro e os fornos de barro, utilizados para torrar a farinha. Todos esses utensílios eram feitos por meio do uso da argila branca e confeccionados com as próprias mãos, além disso, as mulheres tinham que desenhar e moldar a estrutura do objeto desejado.

O morador discorre como eram feito as confecções:

“Quando o rio secava, criava um barro branco e as mulheres da comunidade aproveitavam para pegar e produzir os fornos e panelas. Elas desenhavam todo o modelo que queriam, moldavam, colocam por três dias reservados para secar e poliam com casca de Cariapé”.

Já o homem, ficava responsável pelos cuidados estéticos da casa. Na época, as casas dos moradores da comunidade, eram feitas todas com o chão batidos terra, as paredes feitas de barro, palha e talo, e a maioria das casas cobertas com palha de

inajá. Todos os anos, principalmente os homens, realizavam as modificações da cobertura de suas residências, com o objetivo de impedir a entrada das águas da chuva nos desgastes das palhas.

O antigo residente da comunidade, expressa o seu sentimento de saudade:

“Na época não existia casas cobertas com telhas na comunidade, todas eram cobertas com palha de inajá. E todos os anos tínhamos que trocar a cobertura, pois já começava a criar goteiras. Eu passava mais de uma semana tecendo a palha de inajá e depois ajeitava os talos e colocar a cobertura nova”

Além do cuidado com a casa, os homens também eram responsáveis pela pesca, caça, retirada da madeira para fazer a casa, madeira para lenha do forno e palhas para cobertura e fechamento da casa.

No entanto, a principal atividade feita por todos os familiares, desde a infância até a fase adulta, era a agricultura familiar, principalmente com as plantações da mandioca. Quando executavam grandes plantações, havia necessidade de convocar alguns amigos, com a intenção de realizarem um puxirum (ajuda mútua), que na época era uma prática muito comum entre os comunitários do Lago do Máximo. Essa dinâmica do puxirum é uma forma de convocar os amigos, familiares e colegas para ajudarem nas grandes faturas do roçado, assim como também, o agricultor fica disposto a ajudar seus amigos no próximo roçado. Era um momento de encontro e de troca de horas de trabalho pelo trabalho, sem envolver recursos monetários.

Pode-se observar o efeito nas falas do morador e o pertencimento:

“Todos queriam participar do puxirum, ninguém queria ficar de fora, porque era muito animado, era como se fosse uma festa. As mulheres passavam a noite fazendo biscoito e comidas. No dia, todo mundo trabalhava, bebia, comia, se divertia bastante, principalmente com as piadas que meus colegas faziam”

No momento do puxirum todos os participantes brincavam e trabalhavam animando o trabalho, fortalecendo as relações de amizade e de parentesco e de vivência comunitária.

No mês de julho, as famílias começavam a roçar seus terrenos, pois em outubro os mesmos tinham que queimar e limpar toda a área reservada para o plantio. De acordo com a crença dos comunitários, os agricultores esperavam a “chuva dos santos” no mês de novembro, para começarem as plantações da maniva da mandioca e da macaxeira, logo após de 1 ano e 6 meses as famílias já poderiam fazer as colheitas da mandioca.

O morador relata quando acontecia a chuva:

“Preferíamos fazer as plantações logo depois da “chuva dos Santos”, no mês de novembro. Essa chuva acontece antes ou depois do dia dos finados [...] fazíamos as plantações logo depois, por causa que a terra molhava e ficava boa para o plantio”.

As famílias na época, costumavam ser numerosas, então todos passavam a ter que ajudar nos fazeres diários, especialmente quando se tratava do roçado e do preparo da produção da farinha. Inicialmente, a mandioca precisa ser descascada, e nessa atividade todos participavam, até as crianças mais novas, pelo fato, de haver vários paneiros de mandioca para serem descascados o dia inteiro e muitas vezes entravam pela noite. O morador relata como ocorria esse processo:

“Nos reuníamos no barracão de farinha, as crianças se sentavam no chão em volta do paneiro de mandioca e era rápido que a gente descascava. Todos conversavam, contavam histórias de visagem e riam de tudo. Era muito animado e feliz o povo daquela época”.

Nesse fazer da farinha estava a divisão do trabalho, porque além de descascar a mandioca tinha o ralar a mandioca na gareira, espremer no tipiti, para depois peneirar com peneira que possuíam furos de tamanhos diferentes.

Esses momentos ficaram marcados na memória dessas pessoas, principalmente as histórias de “visagem”, que são algumas lendas e contos sobrenaturais onde muitas pessoas tomam como verdadeiras ou fantasiosas. Esses contos e lendas fazem parte da identidade e vivências dos ribeirinhos, pois segundo

o morador entrevistado, havia localidade que não poderiam passar sem permissão ou em horários inapropriados. Essas histórias constroem e fortalecem o imaginário amazônico e embala o viver do amazônida, que produz sua cultura, sua história, nas suas vivências e falas de vida.

O morador conta a história de uma cabeceira:

“No caminho de casa existia uma cabeceira que era conhecida como “cabeceira da visagem”, todos tinham medo de passar por lá, porque tinha uma visagem que assustava todo mundo e era horrível a sensação, arrepiava todo o corpo e dava muito medo. Não podíamos passar de noite e nem meio dia, pois ela colocava todos para correr e ninguém nunca procurou saber quem era”.

Em cada fala existe a alma do ser que construiu seu espaço de vida e a vida que o construiu, na múltipla relação de estar sempre aprendendo com o medo que é o respeito pelo desconhecido. A floresta amazônica ou os lugares amazônicos refletem o pensar e o fazer, deixando aflorar a construção do pensamento geográfico ou social amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes tradicionais das famílias ribeirinhas estão voltados para o lugar de vida, e as condições do espaço ajudam a construir a relação de pertencimento, fortalecendo as suas atividades de produção herdadas dos ensinamentos dos seus antepassados, aprimoradas no fazer presente. O comunitário do máximo conhece a sazonalidade do rio (enchente e vazante) e a estiagem amazônica (período de calor), com isso, conseguem manter a sua produção de subsistência, o sistema de caça e de pesca, sem contudo perder os períodos.

Nas falas do antigo morador da comunidade do máximo, pode-se observar a geografia presente em cada uma de suas histórias de vida, até mesmo pelo fato da geografia está presente constantemente no viver e no fazer do comunitário. É impossível não encontrar a geografia no fazer diário de um morador ribeirinho, principalmente no roçado, na pescaria, nas conversas e até no caminhar ao redor de sua casa.

A relação com o ambiente comunitário e até com a sua própria casa demonstra a geografia que anima o viver e o fazer do morador da comunidade do Máximo que tem a geografia na alma que ajudou e ajuda manter vivo as lembranças e o seu espaço de vida.

Ao escutar as falas do antigo morador da comunidade do Máximo, a pesquisadora passou a viver o lugar sem estar no lugar, a andar pela floresta nas histórias de visagem, sem estar presente nessa caminhada e compreender o pescar sem estar na canoa, porque despertou a imaginação dessa aprendiz de geografia e mais ainda da geografia percebida e vivida por quem viveu intensamente a geografia no seu fazer diário.

A geografia escutada, demonstra o quanto existe de desconhecimento do modo de vida do povo ribeirinho, que vive e vence os obstáculos impostos pela natureza; por ser um forte enfrenta a visão preconceituosa, quando acha que esse ser humano é fraco e preguiçoso; esse ser amazônico possui conhecimentos dos saberes tradicionais, principalmente da farmacologia natural.

A geografia que foi registrada neste artigo demonstra o quanto de saber existe e que precisa ser aprendido com quem vive a geografia na beira do rio ou na terra que cultiva a vida. Em cada lugar uma geografia a ser aprendida e uma Amazônia a ser descoberta.

REFERENCIAS

ALVES, Ketiane dos Santos. Organização do trabalho de famílias agricultoras na comunidade Nossa Senhora de Lourdes, Nordeste Paraense. UFPA, 2011. (Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Federal do Pará em 2011).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTRO, Albejamere Pereira. Et al. **A agricultura familiar**: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do projeto piatam. In. FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. PEREIRA, Henrique dos Santos. WITKOSKI, Antônio Carlos. **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

DUARTE, Daiane Ramio. **Conexão entre pessoas e ambientes**: uma revisão de literatura sobre Topofilia. Campinas: Oculum Ensaios, 2021.

FREITAS JUNIOR, Miguel. PERUCELLI, Tatiana. **Cultura e identidade:** compreendendo o processo de construção/ desconstrução do conceito de identidade cultural. Campo Grande/MS: Caderno de Estudo Culturais, 2019.

MENDOÇA, Maria Silvia. Et al. **Etnobotânica e o saber tradicional.** In. FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. PEREIRA, Henrique dos Santos. WITKOSKI, Antônio Carlos. **Comunidades ribeirinhas amazônicas:** modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

NOGUEIRA, Amélia Regina. **Percepção e representação gráfica:** A “Geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcação no Amazonas. Manaus: EDUA, 2014.

OLIVEIRA, Rônisson de Souza. PERALTA, Nelissa. FERREIRA, José Cândido Lopes. **Aprender a pescar:** comunidades de práticas na pesca ribeirinha Amazônica. Amazônica – Revista de Antropologia, Vol. 14 (1), 2022.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan:** essências e permanências/ Leticia carolina texeira padua; orientadora Magda Adelaide Lombardo. – São Paulo, 2013. (Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo- USP, em 2013).

SILVA, sheila maria Garcia. Et al. **A “saúde” nas comunidades focais do projeto piatam:** o etnoconhecimento e as plantas medicinais. In. FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. PEREIRA, Henrique dos Santos. WITKOSKI, Antônio Carlos **Comunidades ribeirinhas amazônicas:** modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.